



ESTADOS UNIDOS

Trump ignorou alertas e insistiu na fraude

Ex-procurador-geral William Barr e integrantes do governo tentaram, sem sucesso, demover o presidente republicano de alegar manipulação nas eleições de 2020, revela comissão de investigação sobre a invasão ao Capitólio, no segundo dia de audiências

» RODRIGO CRAVEIRO

Altos assessores aconselharam Donald Trump a abandonar as alegações de que o Partido Democrata teria fraudado a eleição de 2020, depois de o magnata republicano perder no Colégio Eleitoral para Joe Biden. No entanto, o então presidente desprezou as recomendações e tentou reverter o resultado da votação. No segundo dia de audiência do comitê da Câmara dos Representantes (Deputados) que investiga a invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, os depoimentos do ex-procurador-geral William Barr e de integrantes do governo do republicano apontaram que Trump abraçou a defesa de manipulação nas eleições, apesar da inexistência de provas.

“Mesmo antes da eleição, Trump decidiu que, independentemente dos fatos e da verdade, se perdesse a eleição, diria que foi fraudada”, disse Zoe Lofgren, deputada democrata e membro da comissão. Poucas horas depois de Biden ser declarado o vitorioso nas eleições de 6 de novembro de 2020, Bill Stepien, então chefe da campanha de Trump, participou de uma reunião com o chefe. “Dissemos a ele quais eram suas chances de ganhar naquele momento, que tinha talvez 5 ou 10% de chances.” Segundo Stepien, Trump não só ignorou as informações, como trocou a equipe jurídica, que se esforçou para acusar Cuba, Venezuela e os democratas de tramarem um complô eleitoral. Na noite das eleições, Stepien tentou convencer Trump a reconhecer a derrota. Sem sucesso.

Em 11 de novembro, Barr foi à Casa Branca e se reuniu com Trump. Em depoimento gravado por vídeo à comissão de inquérito, o ex-procurador-geral denunciou que o presidente republicano não estava interessado em se convencer da lisura das eleições. “Pensei: ‘Cara, se ele (Trump) realmente acredita nessas coisas, ele perdeu o contato com a realidade. Ele se descolou da realidade, se realmente acredita nessas coisas’”, contou Barr.

Win McNamee/AFP - 01/04/2020



Novas revelações

Despejo de votos

Trump afirmou que houve um “grande despejo de votos” em Detroit, algo negado por William Barr. O ex-procurador-geral garantiu ao republicano que não havia sinais de fraude no estado.

Fraude na Filadélfia

Barr desqualificou como “lixo absoluto” a denúncia de fraude na

O QUE FOI DIVULGADO, ONTEM, NA CÂMARA DOS REPRESENTANTES

Filadélfia. Trump disse, reiteradas vezes, que houve algum tipo de enxurrada inesperada de votos na cidade. O ex-presidente afirmou que “mais pessoas votaram na Filadélfia do que o número de eleitores registrados”.

Denúncia precoce

De acordo com Barr, Trump denunciou uma “grande fraude”

antes que houvesse “potencial para examinar quaisquer evidências”.

Declaração de derrota

Bill Stepien, ex-gerente de campanha do Partido Republicano, disse que Trump discordou, na noite da eleição, que era cedo demais para admitir a derrota nas eleições de 2020.

Foco na mentira

Trump foi repetidamente informado pelos próprios assessores, incluindo Barr e Stepien, que o conjunto de alegações de fraude promovidas pelo ex-presidente eram infundadas e que não existia nenhuma evidência clara de que a eleição tenha sido roubada.



Pensei: ‘Cara, se ele (Trump) realmente acredita nessas coisas, ele perdeu o contato com a realidade. Ele se descolou da realidade, se realmente acredita’”

William Barr (D),
ex-procurador-geral dos EUA

era muito cedo para ‘cantar vitória’, revelou Stepien. “Não me lembro das palavras específicas. Ele achou que eu estivesse errado. Vocês sabem, ele iria na direção errada.” Em janeiro, dias antes de Biden tomar posse, Trump e colaboradores se apegaram a “estas mentiras” sobre a fraude para arrecadar dinheiro, concluiu a comissão.

“Todo mundo, incluindo o procurador-geral Barr, disse a Trump que ele tinha perdido a eleição, mas o então presidente insistiu na promoção da mentira de que havia vencido. Mesmo Ivanka Trump sabia que o pai tinha perdido”, afirmou ao **Correio** o historiador político James Naylor Green, brasileiro da Universidade Brown (Rhode Island). Ele lembra que, enquanto o vice-presidente Mike Pence tentava mobilizar o Departamento de Segurança Interna, a polícia e a Guarda Nacional para protegerem o Capitólio, Trump nada fez. “A comissão parece ter evidências de conspiração direta entre a Casa Branca e os insurrecionistas. Em outras palavras, não foi simplesmente uma multidão fora de controle. Além disso, congressistas desesperadamente tentaram obter indultos de Trump por terem apoiado a invasão ao Capitólio”, concluiu Green.

PEDOFILIA NA IGREJA CATÓLICA

Dossiê reconhece 610 vítimas em diocese alemã

Durante sete décadas e meia, pelo menos 196 padres abusaram sexualmente de 610 crianças da diocese de Münster, a 470km a oeste de Berlim. No entanto, o número real de vítimas pode chegar a 6 mil. As conclusões fazem parte de um relatório independente, elaborado por cinco especialistas da Universidade de Münster e divulgado ontem. Os peritos avaliaram as denúncias de pedofilia entre 1945 e 2020. O número de clérigos identificados como abusadores representa 4% do total da diocese — 90% deles jamais foram processados.

Em entrevista ao **Correio**, Mike McDonnell — gerente de comunicação da Rede de Sobreviventes de Abusos Praticados por Padres (SNAP) e violentado pelos padres John P. Schmeer e Francis X. Trauger, dos 11 aos 13 anos, na Filadélfia — disse ter a certeza de muitas vítimas escolheram não participar do estudo para proteger o anonimato. “Com base nas investigações feitas no Reino Unido,

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O acobertamento de padres pedófilos é um padrão em âmbito global. As autoridades eclesásticas protegem uns aos outros, incluindo antecessores, mortos ou vivos. Elas vivem em uma espécie de câmara de eco e ignoram qualquer um que não esteja usando a clérigima (colarinho branco da batina). A irmandade protege a si mesma.”

Mike McDonnell, gerente de comunicação da Rede de Sobreviventes de Abusos Praticados por Padres (SNAP)

na França e nos EUA, o número de vítimas em Münster é extremamente baixo. Se a média de idade para a revelação de abuso por uma vítima é de 52 anos, isso significa que não escutam nenhuma vítima dos anos 1990 até o dias atuais”, alertou.

McDonnell demonstra ceticismo em relação aos desdobramentos legais após a divulgação do relatório. “Não estou confiante sobre nenhuma ação criminal. Tenho certeza de que autoridades eclesásticas suspenderão e removerão

alguns padres, se eles ainda estão em atividade no ministério, apenas para retratar o bispo como alguém ‘durão’ no que diz respeito aos abusos”, acrescentou.

Ainda segundo o dossiê, em média, dois atos de pedofilia ocorreram a cada semana na diocese de Münster, entre 1960 e 1970. Historiador da Universidade de Münster e um dos autores do relatório, Klauss Grosse Kracht admitiu que o documento “reflete um espantoso histórico”. Durante entrevista coletiva, ele explicou que

os abusadores “se calaram, guardaram silêncio e somente intervieram superficialmente quando foi necessário, a fim de evitar um escândalo”. Para Kracht, a Igreja Católica engajou no encobrimento sistemático dos abusos.

Por sua vez, a autora do relatório Natalie Powrozniak considera que o número real de vítimas deve ser de oito a dez vezes maior. “Entre 5 mil e 6 mil meninos e meninas sofreram abusos sexuais”, estimou, de acordo com a agência de notícias France-Presse. O escândalo da pedofilia dentro da Igreja Católica alemã se estende a outras regiões e implica gravemente o papa emérito Bento XVI, no período em que atuou como arcebispo da Baviera, entre 1950 e 1977.

Pelo menos 497 pessoas, em sua maioria crianças e adolescentes, foram vítimas de abusos sexuais na arquidiocese de Munique-Freising, de 1945 a 2019. Um relatório produzido por um escritório de advocacia acusou Joseph Ratzinger de inação. (RC)

Filippo Montenforte/AFP



Com dor, papa cancela missa de Corpus Christi

As fortes dores no joelho levaram o papa Francisco a não realizar, na próxima quinta-feira, a missa de Corpus Christi e a procissão com a hóstia — uma das festas mais importantes do calendário do catolicismo, com origem no século 13. De acordo com a sala de imprensa do Vaticano, a decisão foi tomada “devido às limitações impostas ao papa pela gonalgia (dor no joelho) e pelas necessidades litúrgicas específicas da celebração”. No último dia 10, Francisco também havia cancelado a visita ao Sudão do Sul e à República Democrática do Congo, que ocorreria entre 2 e 7 de julho. “Queridos irmãos, com grande pesar, devido a problemas com minha perna, tive que adiar minha visita a seus países, prevista para os primeiros dias de julho”, declarou o pontífice de 85 anos após a oração do Angelus na Praça de São Pedro, no domingo. “Rezemos juntos para que, com a ajuda de Deus e os cuidados médicos, possa estar entre vocês o mais rápido possível”, acrescentou. Os problemas de saúde de Francisco alimentaram boatos sobre possível renúncia.